

ROSA PASMADA

Gilda de Mello e Souza

Ela veio de manso mas Roberto notou a sombra do corpo sobre o livro. Ficou esperando alerta o primeiro gesto e afinal, quando a mão pousou sobre a dele, estremeceu ainda. Sem que soubesse o que fazer, olhou pra cima, encontrando o rosto da mulher debruçado sobre o seu, os grandes olhos sempre perguntadores. Sorriu de leve e fez um "alô" em surdina, depois desceu novamente o olhar, sem coragem de retirar a mão, sentindo-se pouco à vontade. A sombra continuou imóvel sobre a página e ele se mexeu na cadeira, quase se queixando, "Você está me tapando a luz". Mas um resto de pudor para consigo mesmo o fez ficar calado, que ele nem estava lendo quando Lúcia chegou. Enquanto a respiração morna se aproximava cada vez mais de seu rosto, ele via distraído a mancha escura se alastrar em cima da mesa. Sentiu os dedos desfiarem seus cabelos e a frescura do beijo que pousou em sua testa, mas não fez sinal nenhum de prazer ou desagrado. Continuou imóvel, alheio àquela ternura que o envolvia a contragosto, desejando ardentemente que Lúcia fosse embora. Ela no entanto, continuava em pé ao seu lado, a mão agora abandonada no ombro dele:

- De quem é esse livro, Roberto?
- Meu...!
- Não... De quem é...?

Ele virou com moleza a capa, marcando a página com o dedo. O "Ah!" que ela deixou escapar foi trêmulo, magoado com a falta de interesse e, sem que pudesse esconder o desaponto, afastou-se quase bruscamente.

Roberto ouviu os passos leves morrerem no tapete da sala e por um momento se arrependeu. Não lhe teria custado nada ter estendido mais francamente a mão, ter revelado por um movimento, que recebera o beijo amigo. Mas todas essas eram concessões perigosas, contrárias à linha de conduta que se vinha traçando. Tinha horror de que um gesto mais terno seu tornasse a despertar em Lúcia a antiga sofreguidão e que, como um cão humilde que recebe um carinho, ela se pusesse a rondar à sua volta. E era bastante recente a experiência que tivera, de sua impotência em se desvencilhar desses agrados, para que um remorso passageiro o fizesse voltar atrás, quando já ia a caminho de reconquistar a própria vida. Além do mais, não era preciso se inquietar muito, porque a incapacidade que a mulher tinha de aturar a solidão, logo a traria de volta. Agora ficaria por algum tempo vagando pela casa, desguaritada, lutando contra as lágrimas, tão fáceis de rolar. Procuraria se distrair com alguma coisa, talvez fosse fechar as janelas por causa da chuva que vinha, ou examinar a porta da copa que as criadas nunca trancavam direito. Mas depois voltaria com os passos mansos de ladrão. E, enrolada num canto, havia de ficar olhando para ele, em silêncio.

No entanto de primeiro ele gostava daquele andar leve trazendo a presença dela de repente... Era como um perfume, que a gente não sabe donde vem e quando chega, nos envolve todo... Sentia mesmo um encanto estranho nessa Lúcia nunca pressentida, que brotava do chão, que às vezes, quando ele levantava os olhos do trabalho, estava ali, parada na sua frente, olhando... Então ele a agarrava, beijando-lhe a nuca, chamando-a de gata, porque as unhas longas lhe arranhavam o pulso e ela se desfazia das carícias, dizendo que “não Roberto... não...”. Mas isso fora de primeiro, quando ainda havia bastante mistério entre os dois e ele imaginava aquele amor, se projetando no tempo, no infinito. Aos poucos porém, o convívio destruíra a poesia dos incidentes cotidianos e ele se sentiu diante duma paisagem muito vista, em que o fastio lhe impedia de encontrar o encanto das minúcias.

Agora se comprazia em perceber defeitos antes ignorados, as mãos estúpidas da mulher, o olhar inquisidor, o egocentrismo infantil e, cada um desses detalhes se revelando, o amargurava como uma punição. Não raro, o próprio motivo dum antigo encantamento se transformava em malestar. Assim, era costume dele perder-se em longos devaneios, o trabalho esquecido sobre a mesa, deixando que a imaginação fabricasse o que a vida não lhe dava. Mas de repente, levantando os olhos sentia-se pilhado em flagrante, com Lúcia parada ali na frente, olhando... E ele se pôs a odiar essas erupções bruscas no seu mundo, sem um pisar mais forte que o levasse a compor depressa os pensamentos. Passou a viver sempre assustado, com aqueles passos leves o acompanhando pela casa toda. Pra se sentir mais consigo mesmo chegava a trancar à chave a porta do escritório. Mas daí a pouco ouvia uma pancada: “Roberto?” – “Que é?” – “Você pode abrir um pouco, quero te mostrar uma coisa...”. E não era nada, só a necessidade de olhar para ele, pousar a mão em sua cabeça, sentir ele perto. A custo vencia aquela vontade violenta de estourar e continuava imóvel, apenas se vingando pela não-retribuição do carinho recebido.

De vez em quando, porém, lhe surgia um remorso vago, uma consciência de estar traindo Lúcia. Lhe machucava aquele alheamento da realidade em que a mulher vivia, enquanto na sombra ele ia, silenciosamente, maquinando os seus planos. Pois que culpa tinha ela de não ter desejos de vãos largos? Nascera para viver em terra firme, se apegando com volúpia aos fatos miúdos, amando na vida o cotidiano, nas coisas os detalhes. E não era se alimentando de tudo isso que seu amor crescia? Nada de extraordinário, portanto, que eles chegassem àquele triste malentendido em que o convívio, que destruíra o seu amor, provocava na mulher uma afeição desordenada. Sentia-se mesquinho, recebendo um carinho que não desejava, ajudando sem querer, pela própria passividade, a prolongar uma situação insustentável. A vida dos dois como que se assemelhava a essas peças do repertório das companhias mambembes em que do princípio ao fim, um dos personagens é enganado sem que se aperceba, pelo próprio sujeito em quem confia... Não importa que mil e uma situações sejam imaginadas pra esclarecer ao ingênuo as más intenções do vilão. Por uma verdadeira ironia do destino tudo acaba solidificando ainda mais, a crença do primeiro no segundo... E Roberto ia se lembrando como, passado o primeiro momento de desconfiança, Lúcia costumava descobrir pretextos para explicar o descaso sofrido. A lembrança de dias antigos voltava-lhe facilmente ao pensamento e a felicidade que tivera renascia enriquecida de um sem número de detalhes, cujo significado total só agora percebia. Então o passado se confundia com o presente, englobava o

futuro, tudo se transformava num pequeno infinito de felicidade donde ela lhe sorria, dizendo: “Você se lembra?”. Mas como tudo não tinha começo nem fim, a frase, apesar de voltada pro passado, valia por uma afirmação da imutável e infinita felicidade dos dois.

E acaso não era criminoso tirá-la desse torpor? Como preveni-la daquela coisa inevitável, que havia de vir um dia? É claro que seria mais humano ir preparando-lhe o espírito, mansamente, como quem derrama à socapa, num cálice, pequenas doses de veneno que, cada vez mais fortes, provocarão por fim a morte sem grandes espasmos. Mas será que ele tinha coragem pra tanto? Além do mais, sabia-se francamente desastrado. Quantas vezes, tentando explicar à mulher a impossibilidade que certas criaturas tinham de viver a vida toda ao lado da mesma pessoa, sentira o terreno incerto, aquele olhar tão grande de incompreensão que Lúcia lhe abria, a frase agoniada, que vinha mesmo. “Por acaso você também é assim, Roberto?” E quando ele percebia, já estava encerrando o assunto às pressas, com um beijo conciliador.

Fora desses rasgos de súbito remorso que jurara se libertar. Pois que se decidira a tomar um caminho, era preciso segui-lo com coragem, sem indecisão. Principalmente não se comover com o sofrimento que infligiria aos outros. Os acontecimentos sobre a terra desenrolavam-se mesmo segundo uma lei tal, que se era forçado a machucar pra não ser machucado, a destruir pra não ser destruído. “E de todas as armas contra as quais temos que lutar, qual a mais perigosa que a ternura, esse abraço traiçoeiro que vai nos envolvendo e acaba nos sufocando? É preciso fechar os ouvidos para as palavras suavíssimas que nos atingem, não voltar nunca os olhos para o que se acaba de deixar. A vida tem de se projetar pra frente, libertada de toda recordação. De que vale querer se agarrar em vão ao que passou? É preciso viver o presente, esquecendo o passado, mesmo o passado feliz.”

Tudo isso parecia a Roberto muito claro, agora que, abandonado o livro sobre a mesa, ele gozava a ausência da mulher, deixando o pensamento esvoaçar. Estava mesmo quase certo que, se ela chegasse, saberia lhe explicar as coisas com doçura. Mas bastou que ouvisse os passos leves trazendo-a de volta, para que de novo a insegurança o dominasse.

Lúcia, porém, não veio diretamente até ele. Ficou na sala, isolada, e quando abriu o rádio, Roberto percebeu que ela estava sofrendo. Mas continuou imóvel, o livro sempre aberto, sem ler. Doíde estava não a enxergava mas a pressentia. Conhecia um a um todos os cacoetes da mulher e não era difícil imaginar que ela estaria com a cabeça entre as mãos, se amargurando em silêncio. Não pôde vencer a irritação que se apoderou dele. — Por que Lúcia vinha sofrer ali tão perto? Já não chegava aquela sensação de malestar que por causa dela o invadia? De desconforto, de culpa, estourando às vezes por um nada, numa vingança bem mesquinha? “Estranha luta essa”, pensava, “em que os mais fracos sempre vencem... Mil e um favores nos prendem irremediavelmente a eles, sem que possamos nos compenetrar de que é essa exatamente a sua função, enquanto a nossa é ir pra frente, sem remorsos e sem compromissos.” Seguindo com os olhos baixos o vulto que agora se aproximava, que se encolhia, sem uma palavra, no sofá do canto, ele calculou a sabedoria daquela humildade, decerto havia batom fresco nos lábios dela... Sentiu o olhar inquieto pou-sando sobre ele. Agora ela ficaria ali, por muito tempo, examinando a curva de seu queixo, o bater de suas pálpebras. E ele começou a respirar mais baixo, com

uma dolorosa consciência de seu corpo, a perna esquerda meio adormecida, o braço, sobre a cadeira, cansado. Mas não mudou de posição, e sem que soubesse por quê, foi repetindo mentalmente, “elle le couvait des yeux... elle le couvait des yeux...”.

Na sala quieta o movimento da cortina era o único sinal de vida. Havia uma rosa pasmada no vaso sobre a mesa e aquela presença sufocante de todas as coisas, os móveis tinham crescido e agora espiavam. E eis que o grilo começou a cantar e eles levaram um susto (foi tão inesperado aquele arranhão no silêncio...). Lúcia, disfarçando, se mexeu no sofá, enquanto Roberto percorreu a sala com um olhar rastejante, virando logo em seguida a página do livro. – Não, ainda desta vez ele não capitulava. Que o grilo ficasse cantando a noite inteira, maliciosamente. Parecia dizer “ainda estou aqui, ainda estou aqui...”. Essas coisas haviam de acontecer sempre, era como quem, tendo enterrado alguém, ao abrir uma gaveta encontrasse os objetos do morto. Passado o choque era preciso empacotar aquelas memórias, que remédio? Lúcia é que decerto não pensava assim... Continuava chocando-o com os olhos, à espera dum sinal qualquer para poder se atirar sofregamente à sua lembrança. Roberto não queria mesmo demonstrar que ouvira o grilo, mas o cricrido prosseguiu insistente, cada vez mais alto, e houve um momento em que ele sentiu o quanto era ridículo continuar naquele papel de criança amuada. E vencido levantou os olhos. Lúcia recebeu sorrindo o olhar do marido e, como se esperasse apenas isso, disse que era o grilo que morava atrás da estante.

Foi então que a chuva começou a cair, trazendo um cheiro de terra pela janela aberta. Lúcia meio que se levantou mas a lembrança de que estava tudo fechado a fez recostar de novo e ficar imóvel, sentindo o vento leve na nuca. Aos poucos o aroma do jardim molhado se espalhou no escritório e foi criando junto com o barulho da calha uma quase intimidade. Ela percebeu que na rua os homens passavam apressados, fugindo, mas que ali dentro havia proteção e a maciez do sofá convidava ao abandono. Distraída olhava as gotas correrem ao longo dos fios, ouvia o bater duro da água nas folhagens. Não sentia mais necessidade de voltar os olhos pra sentir que Roberto estava perto dela. – A chuva os aproximava, isolando-os do resto do mundo.... Não era essa a sensação que a invadia na fazenda, naquelas tardes molhadas? Um fervor novo os reanimava e eles precisavam sair, alheios a tudo, pisando na relva fria... Era divertido sentir então a água escorrendo pelo rosto, fechando-lhes os olhos, gelada. Caminhavam bastante, enrolados nas capas e, si a chuva engrossava, sempre havia uma árvore para os abrigar. Uma vez, se esconderam da tempestade junto ao bambu-gigante... O vento agitava com força a touceira, parecia que muitas portas estavam gemendo desesperadamente nos gonzos... Com medo ela se agarrara em Roberto e também porque a umidade já lhe entorpecia o corpo. Quando a chuva passou, vieram devagar pela estrada, os pés descalços, a lama subindo voluptuosamente entre os dedos. – Quem não conhece os pássaros que voam depois da tempestade, as poças d’água no caminho, o céu lavado por cima e aquela alegria da vegetação, meu Deus? Pois eles viam tudo isso voltando cansados pra casa, onde os esperava o cálice de conhaque, o banho quente, as roupas secas cheirando a vetiver... O sol pálido de depois da chuva logo se deitava por detrás dos eucaliptos, na estrada em rampa, e eles apenas esperavam que a noite viesse, pra de novo saírem, com a lua. E era como se fosse noite para os outros e o dia ainda continuasse para os dois, tanto Roberto sabia andar

por aquelas estradas escuras... Ela só ia perguntando, de vez em quando, “onde nós estamos, Roberto?” pra ouvir ele dizer, “perto do pasto”, ou “daqui a pouco entramos na mata”, coisas assim, que lhe dessem a impressão de estar perdida e à mercê da sabedoria do marido. – Então ele contava como à noite, em pequeno, costumava caçar tatu, matar os morcegos da figueira, sair à cata de vagalumes no brejo. Ela não pedia nenhuma confissão, tudo vinha espontaneamente a ela, em abandono... – Roberto querido... Fora sempre assim, tão fácil de se entregar como de se encolher em si mesmo... Depois dum período desses de entusiasmo podia cair numa crise incompreensível de mutismo. Ela é que não devia sofrer com isso, sabendo que era uma questão de gênio... Andava esquecida de que a existência em comum era bem essa harmonia, sustentada à custa de pequenos sofrimentos, de pequenos sacrifícios... O essencial é que eles estivessem ali, um ao lado do outro, entre as suas coisas, prontos a se auxiliarem mutuamente. Olhou tudo em redor e viu que cada objeto lhe contava uma história e que havia um ar... “Minha casa”, disse baixo. Depois pousou os olhos no marido e se sentiu envergonhada, ele estava magro, talvez precisando mais do seu cuidado. E com voz mansa chamou:

“Roberto? Você jantou bem? Eu não vi o que você comeu...”.

Agosto de 1942

Originalmente publicado na revista *Clima*, nº 12, abril de 1943 (pp. 79-86).

Manuscript page with dense, handwritten text in Portuguese, likely a critique of Mário de Andrade's story "Rosa Pasmada". The text is written in a cursive script and covers most of the page.

Manuscrito da crítica de Mário de Andrade ao conto "Rosa Pasmada".

assim vai nesse tema A por seis páginas inteiras. Ao iniciar o último parágrafo dessa p. 6 você abandona por completo esse tema A, e inicia um tema novo, B, análise psicológica de Lúcia com o seu "caso" (conto). E neste tema novo você escreve apenas página e meia. Há um desequilíbrio formal de construção imediato. Reflitamos: si você levasse outras tantas seis páginas analisando Lúcia talvez a coisa se equilibrasse. Daí de fato ficava um conto só, numa legítima forma A=B, porque pelo equilíbrio de elementos verticais entre as duas partes, se estabelecia uma fusão que resultava num conto só, análise do caso (conto) Roberto-Lúcia com suas diferenças, expostas, não simultaneamente, mas consecutivamente. Com o prolongamento, você nos dava tempo para esquecer que primeiro só tratara de Roberto e agora só de Lúcia. E o esquecimento provocava a fusão. Creio que havia outra espécie de fusionamento, ou melhor, de ligação forte das duas partes, como é usada entre os raros compositores que fazem música nessa forma ingrata como o diabo. Era conservar a forma como está, A maior e B, menor, mas dar a B não a mesma densidade de A (como está no seu conto) mas uma intensidade, um dinamismo muito maior. É como fizeram muito bem o chileno Humberto Allende e admiravelmente Vila Lobos, nas suas peças sistematicamente em A-B. Isto você não fez, equilibrar densidade de A, por meio da intensidade de B.

É difícil aconselhar ou sugerir. Mas tal como está considero o seu conto tecnicamente bastante defeituoso, e por consequência, bastante ineficiente na sensação que produz. A gente reconhece o valor dos dados que você oferece, mas fica numa dispersão danada, causada pela pequenez e igual densidade de B. Você termina com uma frase de B. Talvez fosse possível com mais uns dois comentários seus de análise de Roberto e uma frase muito intensa dele, terminar o conto conclusivamente em boa forma A-B-A universal e instintiva no homem. Note que "intensidade" não significa estouro. Reparo que, por exemplo, si Roberto responder à frase de Lúcia, hesitar em responder, mas não podendo, por delicadeza moral, deixar de responder e acabar, depois de hesitação, respondendo mesmo; e na resposta empregar por hábito, a expressão "querida", mas esta lhe repugnar como um abuso do passado e ele ficar irritado consigo mesmo por a ter empregado sem querer; mas a uma frase besta de Lúcia, cheia de incompreensão e passividade, lhe vier à boca uma frase mais viva, quase grosseira, mas construída em tal ritmo que implique a palavra "querida" e ele seja obrigado pelo ritmo verbal do pensamento-sentimento a empregá-la; e a empregue de fato, mas a expressão agora, pela sua necessidade rítmica o aclamando mais no seu estado contra Lúcia e ele aceitando apenas a palavra-expressão: você obtém, não mais densidade de análise, mas uma intensidade de drama que possivelmente equilibrará o conto. Se aproveite si quiser desta sugestão (Meu Deus, muito maiores nos fizemos o Bandeira e eu!) (e eu sou, e conscientemente, plagiário), tanto mais de "hai que poner talento", si você por si mesma não fizer a coisa bem, tudo se estraga ou fica ineficiente da mesma maneira.

Inda tem outro jeito, que eu me lembra, de consertar a forma pra A-B-C. É só você, ou por meio de análise (acho mais incosequente) ou por meio de um diálogo final (em que a psicologia se defina pelas expressões e pelas idéias), acrescentar mais uma parte nova, cujo tema seja o fusionamento (não digo concordância, veja bem) de A-B, isto é, como uma psicologia simultaneísta dos dois seres.

Tal como está acho o conto “deficiente”. E sinto que esta deficiência deriva da forma em que foi concebido. Porque quanto aos elementos eles me parecem muito valiosos.

Estou me lembrando, pra ser leal por completo, que imagino ter salvo um conto meu, pelo título apenas. Nem me lembro mais que título dera de primeiro (acabo de lembrar, fora “Estrela do Mar”, referente ao último caso), mas foi um conto em que (inédito) tratando de uma criança de três a quatro anos, ajuntei três anedotas-psicologias infantis, uma se passada comigo, outra com o Francisco Mignone, e outra com uma criança observada por uma amiga minha. Os que leram (o caso se passa no fim do século passado, quando criança usava camisola) logo me salientaram o defeito do conto A-B-C, muito itinerante e sem unidade de caso (conto). Reconheci a legitimidade da censura mas era impossível o conto, pela sua concepção, não ser tal como era. Andei maquinando, maquinando, afinal tive um estalo. Intitulei a coisa “Caso de Camisolinha”, e por duas ou três frases de passagem, insisti na existência da camisolinha, que fazia parte decisória da anedota central, B. E os que leram o conto, depois do título novo, nenhum o censurou por não ter forma. Mas duvido que o problema de você possa ser solucionado assim.

Fica o dito por não dito! Acabo de reler o conto e achei simplesmente ótimo, mas não senti mais o defeito que apontei acima. E agora estava de sobre-aviso. Si não rasgo estas páginas é porque podem ser de alguma utilidade de reflexão. Faça a experiência com outras pessoas, a umas não contando a impressão primeira que tive, a outras contando mas sem dizer que a impressão foi minha.

Mas é estranho... Da primeira vez senti fortemente o defeito e o meu sentimento crítico atrapalhou muito o gosto da leitura da análise tão fina e tão suave. Pois agora, mesmo sentindo que você largara Roberto, se pusera cuidando só de Lúcia, notando que ela (você) estava sentindo como Roberto já dissera que ela sentia em A, isto é, mesmo percebendo que havia uma forte repetição de análise, não tive nenhum desprazer estético com isso. Até acho que ficou mais impregnante. Entrego os pontos.